

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ENTRE CRENTES E HOMENS: UM ESTUDO DOS EVANGÉLICOS A PARTIR DA  
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA**

**Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais no Instituto de Ciências Humanas para a habilitação em bacharelado por Elio Roberto Pinto Santiago Filho.  
Orientadora: Dra. Maria Beatriz Lisboa Guimarães.**

**Juiz de Fora  
2009**

**SUMÁRIO:**

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1 - A religião em movimento: os evangélicos na sociedade brasileira.....</b>	<b>6</b>
1.1. Novos arranjos na contemporaneidade.....	6
<b>Capítulo 2 – Religião e política.....</b>	<b>13</b>
1.1. Evangélicos e visibilidade social.....	13
1.2. O apartamento das coisas do mundo.....	14
1.3. Política e permanência terrena.....	16
<b>Capítulo 3 – Dois partidos em Juiz de Fora.....</b>	<b>18</b>
3.1. PMDB: tradicionalismo e poder.....	19
3.2. PSDB: técnica e progresso.....	25
3.3. Um afastamento próximo: o reino de Deus e o mundo.....	29
<b>Considerações finais.....</b>	<b>34</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO:

Lutero em sua obra intitulada “Sobre a autoridade Secular” mostrava uma preocupação de justificar a coexistência entre dois governos, ou entre dois reinos: o reino de Deus e o reino dos homens. Na tentativa de demonstrar a necessidade de uma existência mútua entre essas duas esferas - justificada pelas escrituras - ressalta-se que a espada (governo secular) é posta como a permissão de Deus para punir os maus, ajudando os cristãos a viverem em paz. Destarte, Lutero afirma que servir à autoridade não cristã é, pois, um dever de amor para com os outros, visto que a espada não para punir aqueles em Cristo, mas para beneficiar o próximo.

A preocupação de Lutero pode ser vista como uma tentativa de legitimação histórica, porém que pode ser retomada ainda como um problema atual. A espada, ou governo secular estaria em relação constante com a religião protestante desde sua origem e essa relação se atualiza através de tentativas de legitimação constantes que são dadas não apenas teologicamente, mas também culturalmente.

Os evangélicos no Brasil tem expressado nos últimos tempos o que muitos autores tem chamado de visibilidade social<sup>1</sup>; uma transformação em relação a um passado de retração e marginalização em meio a um país católico. Gradativamente dados como dos censos do IBGE comprovaram um aumento quantitativo e substantivo dos que se denominavam evangélicos.

Essa aparição mais alastrada não se reduz somente ao campo das instituições como as Igrejas, mas também pode ser vista no campo político, o que poderia ser visto como uma contradição até tempos atrás, em que esses indivíduos eram vistos como apolíticos, pregando – e ainda pregam - um “apartamento das coisas do mundo”. Observa-se então que uma orientação ética totalizante impõe a necessidade de legitimação para praticamente todas as esferas da vida. O que

---

<sup>1</sup> BIRMAN, Patrícia. Imagens Religiosas e Projeções Para o Futuro. In: BIRMAN, P. (org) *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar editorial, 2003, p. 236.

Lutero chamava de espada e governo secular pode ser sintetizado pela palavra mundo, palavra esta que simboliza para os evangélicos aquilo que se opõe ao reino de Deus. No entanto torna-se necessário pensar esses dois momentos através de uma perspectiva relacional, porque a dualidade religião/mundo permite a percepção de uma tensão que ajuda a interpretar a própria crença. A existência desta oposição faz parte da natureza do protestantismo, não sendo portanto plausível isolar a interpretação da religião fora de um contexto que a circunscreve.

A visibilidade social dos evangélicos, e mais ainda, sua visibilidade política, faz com que em um primeiro plano de interpretação seja destacado alguma forma de clientelismo, instrumentalidade da crença, como se a religião fosse apenas uma variável a ser usada para benefícios extra-religiosos. Tal assertiva deve ser tratada com mais profundidade, não atentando somente a acontecimentos midiáticos e superficiais. O que está em jogo é a continuidade da religião enquanto fato plausível para os crentes.

A questão aqui proposta visa estudar a relação entre os evangélicos e o “mundo” buscando a atualização dos significados desta oposição/relação. Sendo a religião interpretada na perspectiva de Geertz<sup>2</sup>, como um sistema de símbolos, que estabelece disposições através de uma ordem geral da existência que se inserem como a própria realidade<sup>3</sup>. O protestantismo vivido expõe desta forma, significados que determinam uma ordenação terrena. A dualidade religião/mundo pode ser então posta dentro desta ótica e examinada através de novas possibilidades de legitimação.

O apartamento das coisas do mundo seria uma máxima bíblica que supõe um tipo de comportamento que se deve ter em relação ao mundo. É uma orientação que faz com que o crente adote uma forma de se relacionar que ao mesmo tempo confirma a identidade religiosa e dá continuidade à crença. Neste caso a continuidade se dá pela oposição que é uma condição para que a crença se localize enquanto ordenamento de Deus para a vida na terra.

Seria então a presença de uma tensão constante que faz com que a identidade religiosa seja expressada. O mundo por mais repugnante que seja, não pode ser deixado de lado. O proselitismo é dirigido a ele, a sua transformação é um dos esforços do crente, é substanciado um imaginário que transforma esse em um

---

<sup>2</sup>

<sup>3</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 67.

*lócus* violento, atravessado por conflitos sociais e apoderado pelo mal que precisa de uma pacificação a ser dada pela integração em um projeto de base igualitária: a comunidade de irmãos.

Uma questão ainda a ser refletida é sobre a proposição posta por Hannah Arendt sobre permanência terrena e esfera pública. Segundo a autora, nenhuma esfera pública se tornaria possível se os indivíduos não tivessem a noção de uma continuidade terrena, sendo ela inviável com a idéia de uma permanência finita<sup>4</sup>. A idéia escatológica, um dos temas centrais da religião protestante e um marco temporal que expressa um devir, estaria fadada a tornar não legítima a participação dos evangélicos no campo político secular - caso a afirmação de Arendt fosse levada à risca. O que se busca nesta proposta é reinterpretar esse dilema ideal, e tentar compreender como a crença se relaciona com a participação política, e pensar mais profundamente a dualidade da religião e do mundo, ou do reino dos homens e do reino do espírito.

Através de uma perspectiva antropológica é possível observar como a religião é construída no espaço público, porque reinventada, em que o sentido não é necessariamente perdido em ações aparentemente contraditórias à própria crença, mas atualizados e redefinidos. Desta forma, falar em negação da religião poderia ser uma interpretação precipitada dos eventos. Destarte, observar os novos significados que a religião assume e como ela é construída no espaço público, permite uma compreensão mais profunda da dinâmica do seu movimento na sociedade moderna.

Ao objetivar compreender a relação dos evangélicos com o mundo secular, entramos em dois planos: o primeiro pode ser contextualizado pela legitimação teológica e mais especificamente bíblica, e o segundo encontra-se no eixo da cultura. Neste tende-se a atualizar o outro, de forma que um conjunto de significados passa a ter validade que pode ultrapassar o plano teológico. A religião vivida pode ser diferente da escrita, pois é fruto de interpretações e usos no cotidiano dos atores. Destaca-se então que ao tentar entender a relação entre religião e “mundo” no caso do protestantismo almeja-se dar uma contribuição às formas de expressão do religioso no espaço público, bem como uma interpretação de como se tem dado essa relação na atualidade. Visto que por ser uma relação necessária da própria crença, ela tende a ser remodelada à medida que a sociedade se transforma, não permanecendo em isolamento total. É o que pode ser observado pelo grande

---

<sup>4</sup> ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 64.

participação dos evangélicos em ambientes até tempos passados negados pelos mesmos, como em ambientes políticos e outros.

A relação tratada por Lutero não deixa de ter marcas atuais. Isto é um fato que permanece no tempo sofrendo modificações nas suas dinâmicas, porém fazendo persistir o problema. Deseja-se contribuir para a compreensão dessa relação tão ultimamente visível que chama a atenção por ser o processo de uma novidade tanto no protestantismo quanto na sociedade brasileira quando se observa o processo histórico. As motivações que determinam as ações podem evidenciar novos usos da religião enquanto sistema de significados ao ser posta na relação com o mundo. Essa relação por ser posta em oposição por parte dos evangélicos, insere uma forma de ordenação da realidade que por sua vez infere que a noção de mundo é antes uma necessidade para a manifestação dessa crença. Eis portanto que se ater à conexão entre esses dois momentos é dar destaque àquilo que insere identidade à forma religiosa, que é pensa-la não separada do mundo, sendo os dois duas metades de uma unidade que dão a característica máxima dessa religião.

A metodologia deste trabalho traduz-se por um trabalho de campo feito em dois partidos políticos de Juiz de Fora, sendo eles o PMDB e o PSDB com o objetivo de acompanhar evangélicos que participavam das reuniões do partido, ou neles se encontravam esporadicamente. A seleção dos partidos se deu por meio de uma busca por instituições políticas que pudessem adensar em si evangélicos, e que obedecessem alguma forma de regularidade de encontros onde fosse possível estabelecer um contato constante. Outros partidos no momento não estavam tendo reuniões deste tipo por não ser ano de eleição, ou por não terem representatividade no poder executivo ou no legislativo. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas, seguindo uma interação mais informal com o intuito de tentar por meio de diálogos e perguntas diversas percepções possíveis sobre o tema a ser estudado. Por uma perspectiva antropológica estabeleceu-se o objetivo de se buscar significados e de construir hipóteses em campo, permitindo assim que a minha imersão nos partidos provocasse perguntas constantes as quais tentou-se responder na continuidade do trabalho.

O período temporal da pesquisa ocorreu entre os meses de abril e outubro com a participação em reuniões semanais dirigindo os diálogos não somente com os evangélicos, mas também com os diversos membros do partido com o intuito de se ter uma visão mais geral do ambiente e do contexto.

## 1. A RELIGIÃO EM MOVIMENTO: OS EVANGÉLICOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA.

### 1.1. Novos arranjos na contemporaneidade

Os primeiros missionários protestantes que chegaram ao Brasil compartilhavam de um imaginário semelhante em termos de inspiração, mas oposto em sua natureza em relação aos primeiros missionários católicos que vieram para essas terras em tempos remotos. Isto quer dizer que, ao mesmo tempo que se tinha o objetivo de conversão que se justificava na própria crença e na necessidade de sua projeção, o alvo era outro. Se os católicos buscavam a conversão dos não cristãos, os protestantes tinham seu foco nos cristãos corrompidos pelos seus costumes e que ignoravam o ideal da verdadeira existência cristã, que supunha uma outra forma de experimentação religiosa, assim como proposto pela reforma. Obviamente a história mostrou como esse conflito de religiões foi perpetuado tácita e declaradamente, talvez com vencedores de ambos os lados<sup>5</sup>.

Podemos considerar que a propagação de um novo imaginário se colocava passivo a uma performance local, a uma transformação. A atualização das formas de experimentação da crença, dos valores, nos permite admitir assim como fez Sahlins (1990) - ao estudar o que os Havaianos fizeram com o capitão Cook - que é possível a revitalização de crenças e saberes, estabelecendo-se uma dinâmica diferente entre estrutura e história. Um exemplo é o fato relatado por Mafra (2001) sobre a ênfase dada à educação regular e formal pelas igrejas históricas de missão, como a presbiteriana, a luterana e a metodista, que apostavam em uma transformação da sociedade brasileira pela educação. No entanto o proselitismo ao assumir uma linguagem mais direta e simples pareceu ser mais eficiente por se tratar de uma sociedade ainda pouco instruída em comparação aos países de origem dessas igrejas. Paulatinamente a própria religião protestante foi ganhando características novas, demonstrando mudanças significativas de expressão e institucionalização<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. p. 16-25.

<sup>6</sup> Destaca Danièle Hervieu-Leger: “Contrairement à ce qu’on nous dit, ce n’est pas l’indifférence croyante qui caractérise nos sociétés. C’est le fait que cette croyance échappe très largement au contrôle des grandes églises et des institutions religieuses. Très logiquement, c’est à travers l’inventaire de cette prolifération incontrôlée des croyances que s’engage le plus couramment la description du paysage religieux actuel”. HERVIEU-LEGER,

Os novos protestantes nacionais, denominados evangélicos, foram ao longo do tempo diferenciados enquanto categorias mais gerais, como históricos e pentecostais, tradicionais, de missão e neopentecostais. Isso seria uma provável evidência da tendência à segmentação dessa religião, que se perpetua até os dias atuais com as inúmeras denominações diferentes espalhadas ao longo do território brasileiro.

Observa-se como os aventureiros missionários, com arrojo, desempenharam suas missões e conseguiram difundir novas significações religiosas, sendo uma alternativa a mais ao lado - e em concorrência - do catolicismo. Pesquisas mostraram que o chamado protestantismo brasileiro superou expectativas contrárias ao seu crescimento, sendo alvo de atenções e estudos específicos que tentavam explicar esse fenômeno que andava ao contrário da teoria da secularização Weberiana e ganhava cada vez mais espaço no cenário nacional. Os censos de 1991 e 2000 realizados pelo IBGE permitem uma observação da expansão quantitativa dos que se declaravam evangélicos e o aumento do pertencimento às denominações chamadas pentecostais<sup>7</sup>; o chamado pentecostalismo autônomo passou a se difundir e se afirmar, o que significa um afastamento da unidade institucional das igrejas protestantes, e sua conseqüente ramificação em pequenas agremiações que surgiam nos mais diversos lugares e espaços. Mafra (2001) analisa esse momento como uma dissolução - ao menos parcial - de vínculos institucionais e a intensificação de uma pancosmologia pentecostal, ou seja, o vínculo passa a ser orquestrado “no adensamento de um conjunto razoavelmente próximo de idéias sobre como se estabelece a relação entre os seres humanos e os seres espirituais” (p. 54).

O catolicismo, religião ainda de grande destaque no cenário social, teria então que dividir sua histórica localização central no campo religioso com o protestantismo emergente. Entretanto, isso não implica uma dissolução de sua abrangência em si, nem sua fragmentação total, pois apesar de estar perdendo adeptos em termos de declaração de pertencimento, ele ainda se encontra profundamente enraizado no imaginário social com seus determinantes simbólicos. Destarte, Sanchis (1994) não hesita em afirmar que é impensável um Brasil que não se defina, entre outros traços, pelo catolicismo, mas pondera, afirmando que os alicerces que permitiam alguma

---

Danièle. *La Religion en Mouvement*. Flammarion: France, 1999. p. 42.

<sup>7</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. IN: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2006, p.35-48.



forma de hegemonia da verdade e da identidade institucional no campo religioso brasileiro estão se fragmentando. Após sua separação do Estado, seu monopólio neste campo está em jogo; nascer católico não é mais - ao menos em termos de declaração – uma questão convencional e habitual. Mas Sanchis coloca a reação católica em uma dinâmica tácita. Ela não teria se dado conta do mover de uma realidade social que estava pondo em evidência uma forma dominante de experimentação do sagrado. Nem mesmo a camada popular que circunscrevia um reduto do catolicismo não exalta mais uma prática religiosa efetiva e hegemônica que possa confirmar no cotidiano a presença e a permanência de uma forma de experimentação do cristianismo nesses moldes. A ofensiva que a cultura católico-brasileira passa a enfrentar é direta, passando pelo nível estratégico das camadas populares e não agindo através de uma catequese intelectualizante, mas da generalização de uma experiência existencial.(p. 47).

Para que possamos compreender o gradativo incremento do campo religioso brasileiro a partir da expressividade do número de evangélicos, tornar-se-ia interessante destacarmos alguns pontos que possam esclarecer o atual êxito dessa afirmação religiosa. Assim sendo, algumas questões podem ser destacadas e diluídas em uma síntese do que seria um protestantismo relativizado e geral, o que poderia ser útil no sentido de objetivarmos uma comparação ao nível das idéias e dos significados.

A identidade do que poderíamos chamar de evangélico dar-se-á por uma ruptura com o passado religioso, através da adoção de um estilo de vida que repercuta na totalidade de uma orientação existencial; propõe uma transformação, uma reorientação que estabelece um corte, o fim de uma dispersão identitária. A participação mais igualitária faz do culto uma reunião em que as hierarquias e estratificações tornam-se niveladas quando convergem para uma relação com o sagrado. O Cristo salvador é o centro da trama e dos rituais, sua representação é o próprio culto; imagens e utensílios, como no catolicismo, geralmente não são usados<sup>8</sup>. Diferentemente do católico, é difícil pensar o evangélico sem localizá-lo na denominação de origem. A importância dada ao pertencimento a uma igreja impõe

---

<sup>8</sup> A diversidade de Igrejas evangélicas não permite uma afirmação tão geral como a não presença de imagens e utensílios sagrados no culto. Algumas delas utilizam a simbologia da cruz – como a Igreja Metodista - outras do óleo da unção (azeite) – como a Deus é amor – e assim por diante. É rotineiro às diversas denominações não concordarem sobre uma forma comum do uso desses símbolos, e a IURD é um caso a parte a ser analisado, visto que sua diversidade de símbolos materiais utilizados nos cultos faz com que ela seja um caso bastante diferenciado de outras igrejas, principalmente das mais tradicionais.

que esta é uma relação necessária à identificação do crente enquanto pertencente a uma comunidade mais ampla – a comunidade dos “irmãos”. É usual que um indivíduo que se auto-denomina católico necessariamente não leva tanto em consideração a participação na Igreja. Torna-se um pertencimento latente, em que a comunidade de fiéis está em um plano mais geral, vestígio da percepção hegemônica de uma religião que se confundia com a própria identidade de um país, aventurando-se como a religião social.

No campo da ética podemos observar uma orientação mais expressamente global dos evangélicos em relação aos católicos brasileiros e às religiões afro-brasileiras. Estes são regulados por grandes princípios morais que não tendem a pautar uma totalidade da vida e formar um código ético suficientemente julgador. Essa frouxidão ética não rebaixa essas religiões a um patamar de desregulamentação de condutas, antes infere que essas crenças estejam em um plano alternativo em relação aos protestantes. No campo afro-brasileiro, a lógica da práxis mítica faz com que haja uma projeção das características dos orixás sobre o comportamento humano, o que é pouco semelhante a uma ética cristã. No caso dos católicos, os santos apresentam uma flexibilidade em relação aos desejos e paixões dos fiéis, sendo compreensíveis com as suas fraquezas. Em relação aos chamados pentecostais pode-se observar comentadas transformações na dinâmica do cotidiano através da aceitação desse novo estilo de vida, que induz uma mudança na relação com a família<sup>9</sup>, com o trabalho<sup>10</sup>, com o bairro e assim por diante, evidenciando a orientação total que envolve todas as esferas da vida, e se torna legítima na caracterização de um Deus onipresente que tudo vê, tudo observa e que espera do seu fiel um modo de agir já estabelecido *a priori*.

Uma outra característica que cabe ressaltar, mas que por si mesma não explica a singularidade da crença dos evangélicos é o uso ritual da emoção. Sabe-se que há na cultura momentos e modos de expressão das emoções que a circunscrevem em um universo do que é permitido e do que não é permitido. Um campo de possibilidades finitas impõe que haja momentos convencionais do uso da linguagem emotiva, e que no plano da religião define um momento de relação com o

---

<sup>9</sup> MACHADO, Maria das Dores C. *Carismáticos e Pentecostais – Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. São Paulo, 1996.

<sup>10</sup> NOVAES, Regina Reyes. *Os Escolhidos de Deus : Pentecostais, trabalhadores e Cidadania*. Rio de Janeiro: ISER, 1985.

transcendente, uma comunicação. O chamado transe necessariamente não arrebatava o indivíduo da realidade, ele é a própria realidade – uma interpretação do vivido.

O uso da emoção pode então ser visto como uma expressão comunicativa que faz parte da identidade da própria religião em níveis distintos. Os pentecostais e neopentecostais, por exemplo, a utilizam de modo mais efervescente, evocando em uma constância maior. Outras denominações já fazem um uso mais retraído, variando em intensidade. Obviamente não há uma fórmula ideal para medir a intensidade emotiva, mas cabe ressaltar sua importância para compreender a sua singularidade no campo religioso. O ritual da emoção é, pois, um momento que se distingue do catolicismo tradicional – visto que os católicos carismáticos já fazem um uso mais intenso do caráter emotivo das celebrações – e transforma-se em necessidade na medida que passa a ser parte do cotidiano da crença. Podemos até observar a repercussão desse fato através das opiniões públicas sobre os cultos evangélicos, identificando-os como momentos de “gritaria”, “choro” e até desmaios.

Posto em consideração alguns elementos que ajudam a definir genericamente o protestantismo brasileiro vale ressaltar que a sua manifestação na sociedade é relacional. Ser evangélico é não ser católico nem espírita e nem de outra religião, sendo assim não é permissível pensar essa manifestação religiosa como isolada, mas como uma das expressões possíveis do sagrado<sup>11</sup>. Como supra mencionado, essa relação é necessária para a própria identidade do “crente”, visto que pertencer a uma religião significa não pertencer à outra, mas que a outra é condição *sine qua non* para pertencer a essa. É observando o campo religioso brasileiro que podemos localizar o protestantismo como alternativa possível de pertencimento religioso, pois sua adaptação em terreno nacional ocorreu com êxito, tendo se segmentado em diversas vias de interpretação de um protestantismo genérico, mas unificados por uma pancosmologia.

Se no início o protestantismo aqui encontrava nas camadas populares a sustentação do seu proselitismo, e as mesmas formavam as bases das igrejas, não podemos dizer o mesmo de hoje. Claramente podemos afirmar que os indivíduos que se consideram evangélicos não são necessariamente das periferias,

---

<sup>11</sup> Pensa-se sagrado aqui nas considerações de Rundolf Otto, destacando-se a categoria do numinoso – em OTTO, Rundolf. *O Sagrado*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992. Peter Berger define religião como a experiência com o sagrado em sua obra “O Dossel Sagrado”, e essa categoria mostra-se bem maleável por ser definida como aquilo que apenas pode ser sentido, e não conceitualizado, estando no cerne da manifestação religiosa. É uma definição geral que a antropologia tende a relativizar, mas que serve para darmos um parâmetro momentâneo para definir o ímpeto da manifestação religiosa.

apresentando baixas rendas, em síntese: pobres. As pessoas que participam dos cultos são visivelmente das mais variadas classes, o que permite dizer que a religião protestante não somente permite algum tipo de perspectiva simbólica para aqueles que vivem na incerteza do cotidiano, substituindo o dinheiro pela crença transcendental e assim tendo uma certeza futura. Nesta tese, as contingências do cotidiano que implicam na falta de cálculo do futuro seriam balizadas pela certeza do porvir religioso. Pergunta-se então como podemos considerar as motivações dos indivíduos que possuem condições objetivas de ter alguma certeza para o futuro fora da crença, e procuram viver a religião intensamente? Seria, pois equivocado pensar que os evangélicos são necessariamente pessoas ingênuas que procuram ajuda transcendental porque sofrem de alguma incerteza econômica, buscando assim uma forma de teatralizar e esconder as contingências. Bourdieu tratou deste tema não mencionando diretamente a religião dos argelinos, mas mostrando como eles, ao se lançarem na sociedade capitalista moderna, viam-se nas incertezas do cotidiano, tanto por terem um *habitus* tradicional como por não terem as condições objetivas para o cálculo necessário ao mundo do mercado<sup>12</sup>.

Como toda teoria, faz-se a pergunta: o que explica o contrário? Os diferentes evangélicos seriam resultantes de um sistema mais amplo, que é internalizado e que os leva a procurar na religião um simples meio simbólico – e mágico nas considerações de Bourdieu - de interpretar a realidade. O que faria então empresários, artistas e esportistas, que como é possível observar, se entregarem em peso a essa religião? Talvez tais perguntas servem para demonstrar a complexidade em que nos deparamos ao tentar compreender os sujeitos sociais que permeiam o contexto mencionado, estabelecendo desta forma a necessidade de atentarmos de forma mais alargada aos diversos fatores sociais envolvidos. Reduzir a interpretações de certas teorias pode ser um risco de perdermos outras repostas que são altamente relevantes, e são por si mesmas uma questão de significados. Eis que aqui é proposta a noção de religião como trabalhada por Geertz<sup>13</sup>, como sendo um sistema de símbolos que insere determinações e motivações através de formulações de uma ordem de existência geral, em que a fatualidade é tão grande que as motivações tornam-se singularmente realistas. Esta definição está mais de

---

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.76.

<sup>13</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. P.67.

acordo com os objetivos deste trabalho, que visa buscar significados, antes de fechar a realidade em conceitos.

Apesar dessa digressão, podemos retomar a temática em si mostrando a nova configuração contemporânea do universo evangélico. Uma realidade diferente se impõe sobre a passada. Os evangélicos retraídos de épocas anteriores, hoje fazem da expressão da crença uma parte da sua vitalidade. Se reconhecíamos um crente pelo uso de terno portando uma bíblia no braço, hoje diversas formas de reconhecimento e expressões são utilizadas como alternativa possível. Camisas, adesivos, chaveiros e etc, tudo isso pode ser utilizado como um mecanismo simbólico de comunicação entre crentes e crentes e entre crentes e não crentes. Isso demonstra novas dinâmicas de manifestação religiosa, que por sua vez trazem consigo um mercado de bens religiosos. Surgem lojas especializadas, que ajudam a afirmar o pluralismo religioso, e colocam as esferas da religião e da economia em um patamar diferenciado<sup>14</sup>.

No que tange a uma legitimação jurídica da presença do religioso no espaço público, e neste caso dos evangélicos, podemos considerar ainda um vácuo no código civil em relação às organizações religiosas. Giumbelli argumenta que o processo histórico da relação entre o Estado e as religiões no Brasil demonstrou quão minuciosa é esta interação. Primeiramente cabe ressaltar que o catolicismo foi a primeira religião a se beneficiar do movimento laico na proclamação da república, seguido pelo espiritismo e logo após as religiões de matriz africanas – este de forma mais complicada - e o protestantismo. O argumento do autor é que pode-se buscar explicações substantivas sobre a presença do religioso no espaço público através de sua refração na esfera secular do Estado. Atendo-se aos mecanismos laicos de adaptação da realidade a ordens vigentes, pode-se visualizar aspectos do religioso que são acionados para que obtenham legitimação no espaço público.

Através desse panorama geral observa-se que os evangélicos estão na sociedade brasileira como novos propagadores de uma religião que nasceu fazendo um alarde que parece ecoar até hoje, mas que por outros meios, chamando a atenção há muito tempo para uma alternativa de vida, alternativa essa que traz questões cada vez mais interessantes a serem pensadas.

<sup>14</sup> Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil analisaram o comércio e o consumo de bens religiosos, concluindo que há realmente uma nova dinâmica entre a esfera da religião e da economia, além de várias questões que nos permite repensar a relação dos indivíduos com as diversas religiões. STEIL, Carlos Alberto; ORO, Ari Pedro. *O Comércio e o consumo de artigos religiosos no espaço público de Porto Alegre – RS*. In: BIRMAN, P. (org) *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar editorial, 2003, p. 309-331.

## 2. RELIGIÃO E POLÍTICA

### 2.1. Evangélicos e visibilidade social

Antes de contextualizarmos a relação dos evangélicos com a política, cabe propedeuticamente ressaltarmos alguns pontos talvez mais elementares que permitam situar melhor alguns problemas que serão posteriormente propostos. Assim, paulatinamente objetiva-se montar um cenário que de modo mais geral ajude a elucidar o objetivo desse estudo.

Como uma mudança substanciada na sociedade brasileira – já mencionada anteriormente – os evangélicos indiscutivelmente acham-se mais numerosos do que em tempos remotos. Ao analisarmos esse fenômeno veremos que o aumento em números veio acompanhado de novos arranjos nas estruturas religiosas e também nas estruturas seculares<sup>15</sup>. Patrícia Birman (2003) nos anuncia um exemplo fiel sobre o que seria um momento de visibilidade extrema dos evangélicos: quando o estádio do Maracanã foi ocupado por uma manifestação religiosa e não católica na década de 1980, ou seja, foi um momento em que os evangélicos mostraram que algo novo estava acontecendo na configuração religiosa da cidade. E esse fato seguiu-se de canais e programas de televisão confessionais – uma parte proselitista – e eventos no espaço público que demonstravam uma nova forma de atuação do religioso.

Patrícia Birman toma como exemplo o caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), caso este clássico das análises de vários cientistas sociais, visto que foi a denominação dita evangélica que apresentou mudanças na forma de expressão religiosa – denominada também espetáculo religioso - com uma grande fugacidade em um curto espaço de tempo. A questão midiática é sem dúvida um dos grandes momentos dessa igreja a serem pensados como percussores do seu sucesso<sup>16</sup>. Sucessivamente, as diversas denominações evangélicas foram se apropriando

---

<sup>15</sup> GIUMBELLI, Emerson. *A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade, vol.28 n.º.2, 2008, p. 89.

<sup>16</sup> Alexandre Brasil Fonseca trata esse fato como um dos fatores que reduzem a religião a um mercado de bens simbólicos. O apelo à mídia como meio de sustentação de iniciativas religiosas levam a uma adequação ao secularismo e ao pluralismo religioso, fazendo da IURD se transformar em mercadoria para garantir seu espaço nacional e transnacional. ORO, Pedro, CORTEN, André, DONZON, Jean-Pierre (Org.). *Igreja Universal do reino de Deus – Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2005, P. 280.

desses meios de comunicação e criando rádios, jornais e programas televisivos que inseriam novas possibilidades de comunicação religiosa.

A abertura da sociedade para esse tipo de visibilidade social dos evangélicos não foi imediata. Inicialmente estigmatizavam estes como geradores de conflitos religiosos e vilipêndio, fazendo com que, e de certa forma, fosse ainda um grupo marginalizado. Entretanto, na continuidade desse processo inovador de aparições em novos espaços, foi se dando uma gradativa aceitação, que colocava essa religião em um patamar de aceitação mais concreto. Atualmente é possível observar que a conversão de atores televisivos, cantores famosos e outros tipos de personalidades públicas ajudam a promover um reconhecimento social mais amplo dessa religião.

O fato é que a religião protestante no Brasil e seus segmentos foram gradativamente aumentando sua aparição na sociedade, trazendo transformações para o campo religioso e social. Esta visibilidade nos traz questões interessantes, pois podemos ver seu impacto no campo político e midiático, e mais precisamente no campo secular. A expressão da crença deixa de ser feita “às escondidas” em locais somente fechados e passa a ser feita nos mais diversos lugares, fazendo de todos os espaços lugares plausíveis de afirmação da fé. Em praças, em meios de transportes, nas ruas e nos mais diferenciados espaços é possível ver esses atores religiosos manifestando sua crença, e o que é mais interessante: são momentos legitimados pela própria religião, e condição para a continuidade da mesma.

## **2.2. O Apartamento das Coisas do Mundo**

Regina Novaes em um estudo realizado em uma comunidade de agricultores no município de Santa Maria, Estado de Pernambuco, estudou o significado e as repercussões da filiação religiosa dos camponeses a uma Congregação da Assembléia de Deus. O período temporal foi a década de 1970, mas que exemplifica a relação entre a crença e as outras esferas da vida<sup>17</sup>. Apesar da data da coleta dos dados não ser tão atual, as questões continuam no tempo. E sintetizando a estrutura

---

<sup>17</sup> Como muitos estudos de comunidades da mesma época e anteriores pode-se colocar como um problema metodológico a pretensão de apreender uma totalidade. Gilberto Velho (data) nos alerta sobre o risco de isolarmos segmentos ou grupos da sociedade como unidades independentes e autocontidas (p. 15). Uma conexão com outros espaços tanto territoriais como sociais é um fato minucioso que se negligenciado pode fazer da pretensão de totalidade uma ingenuidade. Mas neste caso, objetivava-se o tomar como exemplo o problema central da autora, não discutindo integralmente sobre a questão metodológica.

de sua obra, uma relação em si deve ser enfatizada: a relação da religião com o “mundo”.

A categoria *mundo* é muito ampla. Seria o que está em oposição à crença, mas que é condição para ela. Ou seja, seria esta uma relação necessária para que possamos entender tanto o primeiro plano como o segundo. Na verdade, como as outras religiões, é proposto através de uma explicação extra-terrena todo um modo de conduta através de um sistema de significados. Mas no caso dos evangélicos essa relação é dada através de uma conduta bem específica de como deve se portar o crente fora dos espaços religiosos. É uma orientação totalizante que tem algumas modificações dependendo da Igreja. Os pentecostais costumam evidenciar com mais afinco esse fato<sup>18</sup>.

O apartamento das coisas do mundo seria uma máxima bíblica que supõe um tipo de comportamento que se deve ter em relação ao mundo. É uma orientação que faz com que o crente adote uma forma de se relacionar que ao mesmo tempo confirma a identidade religiosa e dá continuidade à crença. Neste caso a continuidade se dá pela oposição que é uma condição para que a crença se localize enquanto ordenamento de Deus para a vida na terra.

A afirmação de uma separação entre os crentes e o mundo é exemplificado por Regina Novaes:

A todos os aspectos que não estejam referidos diretamente à sua vida religiosa, o convertido, nos primeiros contatos com um estranho, no caso o pesquisador, responderá enfatizando seu apartamento das “coisas do mundo” (p. 126).

Seria então a presença de uma tensão constante que faz com que a identidade religiosa seja expressa. O mundo, por mais repugnante que seja, não pode ser deixado de lado. O proselitismo é dirigido a ele, a sua transformação é um dos esforços do crente, é substanciado um imaginário que transforma esse em um *lócus* violento, atravessado por conflitos sociais e apoderado pelo mal que precisa de uma pacificação a ser dada pela integração em um projeto de base igualitária: a comunidade de irmãos.

---

<sup>18</sup> SANCHIS, Pierre. O Repto Pentecostal à “Cultura Católico-Brasileira”. IN: ANTONIAZZI, A (org). Nem Anjos Nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 1994. p. 56-57



Obviamente como é usual nos desvios de conduta, a não obediência às convenções religiosas levam a sanções. Como já dito, a relação entre os crentes e o mundo varia nas diversas denominações evangélicas, mas em todas há um ordenamento dessa relação. Nos casos desviantes, é muito comum que o crente receba alguma punição como a não permissão de participar da santa ceia e de outros momentos de participação coletiva. É uma punição moral, mas que não tira a permissão do fiel de continuar participando dos cultos. Ele continua professando a religião normalmente, porém com algumas exceções participativas. Essas formas de punição são modos de confirmar um ordenamento do aceitável e do não aceitável, daí que se pode ver a importância da categoria “mundo” para os evangélicos. Ela parece ser um plano do tecido social que os evangélicos repudiam, mas sem o qual não podem dar continuidade à crença.

Portanto ao estudar os evangélicos em suas atuações em outras esferas fora do espaço religioso, deve-se levar em consideração que o que está no profundo das relações superficiais é essa relação necessária entre os crentes e o mundo. É moldado nessa dualidade tão forte que se constrói a participação política, e na verdade é o que no plano da religião está em jogo.

### **2.3. Política e permanência terrena**

A escatologia protestante, ou seja, a doutrina das últimas coisas, se apresenta como um momento central dessa religião. Ela pressupõe um devir da história, uma direção que é certa e inquestionável. A simbologia dos fins dos tempos não impõe em si uma negação total da vida terrena em prol do eterno porvir, visto que uma permanência correta e de acordo com os princípios da crença é uma condição para o êxito final. Seria a escatologia bíblica uma sistematização do tempo, dividindo a religião em momentos que configuram o imaginário crente.

Hannah Arendt ao dissertar sobre o tema da esfera pública e da esfera privada<sup>19</sup> coloca a permanência terrena como uma condição para a esfera pública. Segundo ela:

Só a existência de uma esfera pública e a subsequente transformação do mundo em uma comunidade de coisas que reúne os homens e estabelece

---

<sup>19</sup> ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. P. 64 e 65.

uma relação entre eles depende inteiramente da permanência. Se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida de homens mortais. Sem esta transcendência para uma potencial imortalidade terrena, nenhuma política, no sentido restrito do termo, nenhum mundo comum e nenhuma esfera pública são possíveis.P.64.

Percebe-se que a permanência terrena é um quesito essencial para a continuidade de uma comunidade política, entretanto tomemos esse plano ideal como parâmetro para compreendermos a escatologia protestante à luz desse problema.

Se para os evangélicos existe um fim terreno, infere-se que a noção de permanência fica relativizada. Como a premissa religiosa é que a vida na terra tende a ter um fim certo, fica evidente que neste caso seria paradoxal alguma forma de participação na política secular por parte desse grupo. Ou seria a escatologia um plano de ordenamento com menor importância do que a categoria mundo? O que importa sabermos é que ela não pode ser negada assim como o mundo não o pode, pois são da natureza da crença.

Para resolvermos essa contradição contextualizada através da citação de Arendt, objetiva-se utilizar uma noção antropológica que pode ser mais eficiente para trabalharmos a questão. Torna-se imprescindível reconhecer que o que está em jogo são significados que escapam ao plano normativo da escrita. Questões teológicas atualizam-se no cotidiano da crença, do vivido, e tomam novas consistências a partir de novos eventos. Assim sendo, tornar ilegítimo a participação política dos evangélicos porque são paradoxais com a própria religião é negligenciar a ampliação de uma arena de participação doravante mais plural.

Ao atentarmos para a atualização desse possível paradoxo veremos que ele é difícil de ser captado empiricamente. Seria muito vago tentarmos relacionar essa questão ideal com fatos concretos, pois ela apesar de ser uma certeza a ser substanciada no tempo, não precisa ser constantemente tencionada com o cotidiano como acontece com a categoria mundo. Mesmo fazendo parte da crença, a escatologia é um fato fixo que não põe risco em si à participação política do crente, ou ao menos o risco é secundário; o mais preocupante tende a ser como vai ser dada a relação com o mundo. É na positividade dessa relação que a certeza escatológica torna-se cada vez mais bem vinda: a salvação fica garantida.

### 3. DOIS PARTIDOS EM JUIZ DE FORA

Como instituições que participam do processo político nas sociedades modernas, podemos colocar os partidos políticos como uma das peças da engrenagem da trama do poder nos meios sociais complexos. Mais do que simples instituições que idealmente cumprem uma identidade ideológica, concentram em si indivíduos e grupos que por motivações diversas participam de reuniões e militâncias. Neste estudo foram observados dois partidos políticos em Juiz de Fora, sendo eles o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). O critério de escolha se deu em primeiro lugar pela busca de partidos que tivessem alguma forma de atividade sistemática, entendendo aqui atividade como reuniões constantes que pudessem concentrar um público em geral, ou seja, reuniões abertas tanto para os filiados quanto para os não filiados. Esses partidos foram então os únicos que no período da pesquisa realizavam reuniões constantes e periódicas de caráter público, sendo possível um estudo participativo e contínuo da dinâmica dessas instituições.

Cabe ressaltar que o período da observação participante não era de eleições, o que evidencia uma dificuldade da existência de reuniões periódicas. Outros partidos como PT, PV, PDT e etc, costumam fazer suas reuniões próximas de períodos eletivos. O outro fator de escolha estava implicado no nível de atividade dos partidos políticos: o caráter representativo. Quanto mais pessoas eleitas o partido conseguir ter como representantes legais, mais atividades ele tende a ter. Isso faz com que partidos sem representação hibernem no tempo até as próximas eleições. Desta forma, somente o PMDB e o PSDB cultivavam concretamente a necessidade de reuniões semanais ou mensais que pudessem aglomerar um público em geral.

Claramente existem os outros partidos que participam da política local, mas que não estavam temporalmente em constante atividade, estando seus membros muitas vezes dispersos na espera dos próximos pleitos. Desta forma, não estabeleciam uma regularidade que permitisse uma interação necessária para os fins deste trabalho.

A estrutura interna de classificação e hierarquia dos partidos é igual tanto no PMDB quanto no PSDB, como o é também nos outros partidos nacionais – e municipais. Referindo-nos ao nível municipal, visto que eles são descentralizados, podemos descrever essa ordem de posições de forma análoga aos arranjos estaduais e nacionais. A atribuição de cada membro nas posições é dada pelo estatuto geral que os rege, e que parece ser seguido à risca e ritualmente nas seções públicas.

No topo da hierarquia está o presidente do partido, seguido pelo vice-presidente, secretários, tesoureiros e vogais. Todos obedecem suas posições que são dadas objetivamente pela estrutura institucional, ou seja, eles são - e isso é um axioma sociológico – aquilo que a instituição diz que são.

Como uma forma de dinâmica comparada objetiva-se descrever uma parte do cotidiano dessas organizações, mas dando um enfoque mais intenso à participação dos evangélicos nesses lugares e procurando estabelecer a relação entre a crença e a ação política, mostrando como é dada essa interação entre esferas da vida tão entrelaçadas que evidenciam novas possibilidades de afirmação religiosa e de ação política.

### **3.1. PMDB: Tradicionalismo e poder.**

O PMDB em Juiz de Fora tem sua localização em frente a uma praça pública e a um cemitério. Sua sede é uma casa grande e espaçosa adaptada para as atividades do partido e comprada pelo mesmo há alguns anos atrás. São dois andares de cômodos largos, sendo que no primeiro andar – a um nível abaixo da rua – é onde ocorrem as reuniões públicas, um lugar espaçoso que mais parece uma grande garagem da casa ou uma área para fins diversos. Nele encontram-se diversas cadeiras para cerca de umas cem pessoas sentadas – o que é até possível de ocorrer em eleições – mas que no período das observações acomodaram cerca de vinte a quarenta pessoas. As cadeiras ficam dispostas na formação de uma meia lua circunscrevendo uma mesa maior onde fica a executiva do partido, formada pela direção: presidente, vice-presidente, secretários e tesoureiro.

Seu diretório municipal é bem visível para os que passam perto, há uma grande placa na frente da sede com a logomarca do partido, deixando ele mais perceptível. Antes de a construção ser usada para servir de sede para o partido, era

uma residência, o que permitiu a reutilização de seus cômodos, como a cozinha por exemplo, para tornar o ambiente mais familiar. Ou seja, há locais de socialização como a sala, na cozinha preparam-se lanches e algumas refeições coletivas em alguns momentos de descontração e comemoração, fazendo o partido um lugar que concentra algo a mais do que discussões políticas.

Em minha primeira visita ao partido tive primeiramente um estranhamento por ser uma novidade em termos de reconhecimento daquela dinâmica interna. Uma coisa é observá-los e conhecê-los pelos veículos de comunicação em massa, outra é presenciá-los pessoalmente. Muitas das noções e alusões que eu tinha sobre essas instituições foram colocadas em evidência quando comecei a observar as reuniões. Logo na entrada me deparei com o portão de fora aberto, e fui entrando quando um membro do partido me viu e percebeu que eu era alguém novo naquele lugar, e foi logo me perguntando se era a minha primeira vez no partido. Relatei que estava ali para “conhecer” para fazer um estudo. Logo ele me disse que a reunião logo começaria, e seria no andar de baixo. Não entrei em pormenores, visto que era talvez comum a participação de muitos que não eram membros.

Me senti um pouco perdido naquele lugar, não sabia para onde ir – porque não tinha quase ninguém para a reunião, somente umas quatro pessoas ou cinco – e fiquei observando se alguém chegava bem ao lado da entrada. Paulatinamente os membros foram chegando e a reunião estava para começar quando desci e me sentei em uma das cadeiras bem no fundo do “salão”. Logo chegou a executiva do partido e se sentou dando início à reunião. Como todas as outras que eu iria observar, elas obedeciam a pautas de discussão, nem sempre seguidas a risca, mas que propunham uma direção nas discussões.

Nesta primeira participação o presidente do partido viu que era a primeira vez que eu estava ali e no meio da reunião pediu para que eu me apresentasse. Me levantei e me apresentei, mas não falei o motivo pelo qual estava ali, deixei isso para mais tarde. Apenas disse meu nome e falei que queria conhecer o partido e por esse motivo estava na reunião.

Os assuntos tratados nas reuniões abertas do PMDB dirigem-se a questões políticas mais do que no PSDB. Fala-se muito em possíveis articulações, apoio a executiva estadual, necessidade de conscientização para a luta política e conjuntura política local. A sua representação política local se dá por meio de três vereadores eleitos que formam uma bancada do PMDB no legislativo municipal, sendo um deles

o presidente da câmara municipal. Existe uma forma de exaltação dessas candidaturas por não terem sido feitas por coligações, sendo o PMDB o partido com mais representantes no legislativo que conseguiu vencer a eleição sem o apoio de outros partidos.

Sempre quem começa falando é a executiva do partido, e logo após as discussões ficam abertas a quem estiver presente e quiser falar: desde presidentes de associações de bairro até jovens que não ocupam posições em nenhum cargo público e nem mesmo nos partidos. Falam quase sempre da necessidade de mobilização do partido para com a sociedade, sempre objetivando a tomada do poder. Este, juntamente com a sua continuidade, parece um fim em si.

Predominam nos partidos os homens, sendo algumas poucas mulheres constantes, e há muitos idosos, que enaltecem o tradicionalismo do partido – muitos foram do antigo MDB – e são exaltados como exemplos para os outros membros.

Toda a compreensão dos partidos políticos como associações reunidas em torno de uma ideologia, a um primeiro momento nos remete a uma frouxidão explicativa. Se é em torno dessa que ele é estruturado, é muito difícil vê-la no cotidiano de suas interações, e por mais que ela esteja no fundo de toda a existência dessas organizações, ela é substancialmente vaga para nos dar uma compreensão mais concisa dos significados em jogo. No plano do vivido essas grandes ideologias se atualizam em novas formas de discurso e manifestações, sem necessariamente estarem atrelados a um plano tão normativo de ação. No PMDB, assim como no PSDB, muitos não sabem e conhecem termos como neoliberalismo, conservadorismo, deliberação, e etc. Apesar de alguns apresentarem alguma forma de esclarecimento mais específica dos termos da ciência política, outros utilizam o que tem, ou o que aprenderam a ter pela necessidade e vontade de participar da trama política. São habilidades advindas da própria socialização que faz com que essas pessoas usem aquilo que tem para participar e não serem excluídas, tornam-se legítimas na medida em que na performance temporal conseguem uma comunicação plausível nas exigências da instituição. Ou seja, são alternativas e possibilidades que na trama dos partidos se juntam com a fixidez normativa e produzem a vida partidária do cotidiano.

No final da reunião procurei o presidente e esclareci o motivo pelo qual estava ali. Disse que estava estudando os evangélicos nos partidos, e que iria começar a participar das reuniões. Ele aprovou o meu objetivo e disse que o partido sempre

contou com a participação de evangélicos, mas que - como uma boa parte dos membros - não apresentam uma participação constante, os que são mais presentes são poucos. Disse-me o nome de dois que chamarei de FC e MA.

Vale ressaltar aqui um problema já mencionado por Machado (2006) quando descreve a dificuldade de se encontrar esses atores religiosos no campo político:

É importante esclarecer que identificar tais atores não é um desafio só porque a confissão religiosa dos candidatos não aparece no registro de candidatura. Foram constatados alguns casos em que a conversão era mantida em sigilo, seja porque o candidato entendia que sua escolha espiritual tinha um cunho privado, seja porque temia restrições partidárias. Nessas situações, só mesmo a indiscrição de um pastor, de um membro da comunidade religiosa, ou de outro parlamentar da bancada evangélica poderia revelar, e revelou, a existência de filiação religiosa<sup>20</sup>.

A maior dificuldade seria saber naquele lugar quem seriam os evangélicos. A alternativa seria o diálogo constante com os membros a fim de interrogar se eles conheciam essas pessoas. Mas para a sorte do estudo, esses dois atores mencionados pelo presidente eram basicamente os únicos que no momento estavam participando efetivamente das reuniões e que são conhecidos por terem se aventurado em eleições passadas.

Como já foi dito, por não ser período de eleições, os partidos estão mais vazios, o que nos evidencia que participam do cotidiano dessas instituições somente aqueles que encontram motivações bastante plausíveis para tanto. O presidente, chamado de JV, de um outro partido, o Partido Verde (PV), quando procurado para perguntar se o partido concentrava evangélicos disse:

Nas últimas eleições tivemos duas candidatas evangélicas para a câmara municipal, mas elas não ganharam. Nós não temos representantes eleitos por isso não fazemos reuniões, e sempre temos evangélicos se candidatando e se filiando ao partido, praticamente em todas as eleições municipais, mas eles só aparecem aqui nessa época.

Constata-se a fluidez desses sujeitos religiosos na dinâmica política dos partidos. Mesmo assim é possível encontrar aqueles que estabelecem alguma forma de permanência. No PMDB os dois evangélicos que mencionamos (FC e MA) apresentam características interessantes. Os dois são constantes nas reuniões e se candidataram nas duas últimas eleições municipais. Cabe então caracterizar os dois

---

<sup>20</sup> MACHADO, Maria das Dores C. *Política e Religião – A Participação política dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 11-12.

atores de forma a compreendermos melhor suas motivações para a participação política.

FC é membro da igreja presbiteriana, convertido ainda na idade adulta, e trabalha na prefeitura municipal. É ainda ex-radialista, e foi vereador no mandato passado (2005-2008), perdendo a última eleição. Está em quase todas as reuniões do partido, e em nenhuma vez no período das observações de campo ele se expressou como outros membros. Simplesmente ficou tácito em todas as reuniões, apenas observando. Ao ser perguntado sobre como era ser evangélico e participar da política disse:

Não tenho dificuldades em conviver na igreja, e na política. Nunca coloquei minha vida pública em primeiro lugar, por esse motivo não encontro dificuldades. Faço política compreendendo ser essa a vontade de Deus em minha vida. O ambiente pode ser pesado em qualquer seguimento como escolas, faculdades, hospitais e etc. Nossa forma de ser e agir é o diferencial para ser respeitado. Como servo de Deus, deixo claro que meus posicionamentos políticos nunca poderão ferir os princípios bíblicos. Agindo assim, Deus estará sempre no controle.

A naturalidade como expõe sua participação nesses dois ambientes – que são também simbólicos – coloca a relação entre crença e participação política em novas significações. Para participar do processo político, ele necessariamente não precisa se desvencilhar da religião, antes é preciso fazer com que haja uma harmonia de convívio que seja plausível para o “crente”. Ao mesmo tempo em que confirma que a sua crença é anterior às questões políticas, demonstra que sua vida partidária – e como ex-vereador – é uma vontade de Deus. Por esse mesmo motivo, ser evangélico não é um impedimento para que as pessoas não objetivem uma ação em outros planos da vida social. Um fechamento total proposto pelo protestantismo em termos passados tem sido atualizado por novas representações da crença em novos espaços.

MA é membro da igreja batista, se candidatou na última eleição, mas não conseguiu se eleger. É pastor e radialista na rádio evangélica local, apresenta-se quase em todas as reuniões do partido e também fica tácito. Assim como FC praticamente não fala no momento dos debates das pautas. Diferentemente de MA é chamado pelos outros através de uma identificação religiosa, ou seja, de pastor. Seu jargão na última eleição foi “pastor M: uma voz celestial”, usando a um primeiro momento seu pertencimento religioso como forma de granjear votos provavelmente



da comunidade de crentes. Apresenta uma atividade religiosa constante na igreja, tanto pela sua posição na hierarquia eclesial como pela sua posição pública de radialista, precisando manter plausível uma dualidade participativa entre a política e a religião. Em uma conversa disse que não tem problemas na igreja por ser do partido e nem o contrário, que consegue manter com tranquilidade a sua participação nesses dois lugares.

Já foi tempo que os evangélicos não participavam da política. Hoje é diferente, você pode participar de uma forma diferente, mantendo sua posição de homem de Deus. É uma forma de poder ajudar os outros e de agir na sociedade. Somos também pessoas políticas e uma das formas de fazermos algo é sendo eleitos.

Para que alguém possa se candidatar com o aval do partido, e dele ter o apoio, é necessário que o reconheçam como um potencial candidato com possibilidade de ganhar as eleições. Para tanto o candidato precisa mostrar alguma forma de articulação entre os eleitores que o permita ter votos suficientes. Claro que tudo isso está sujeito às contingências políticas, mas que fazem o possível candidato manter um certo status de potencial homem público. Desta forma, dá-se ênfase àqueles que possuem alguma forma de visibilidade pública como sendo presidente de bairro, ser um comerciante muito conhecido, ser um “pastor”, um locutor de rádio e etc, tanto que é comum nas eleições observar candidatos que aglutinam seus nomes ou apelidos com suas posições na sociedade: advogado, professor, doutor e assim por diante. É uma aposta do partido que quer representações, estar no poder, como quase uma necessidade em si. O candidato que tem o apoio do partido ganha uma ajuda extra na disputa dos votos. Logicamente o partido precisa conhecer bem o possível candidato, assim é preciso que o mesmo participe das reuniões e mostre sua visibilidade juntamente com sua exposição positiva na sociedade.

Um outro membro do partido chamado de PL, ao ser perguntado sobre a participação dos evangélicos ali, afirmou que no partido não se fala de religião: “Essas duas pessoas são escolhidas como candidatos nem tanto por serem da igreja, mas por trabalharem no rádio”. PL referiu-se à última eleição, sendo que FC não é mais locutor de rádio. Mas FC assim como MA expõe seu pertencimento religioso publicamente, de forma diferente, mas com o mesmo objetivo de demonstrar sua não separação com a crença quando participa da política. Sua

identificação como evangélico se dá também pela internet, em seu *blog* e na sua antiga página eletrônica no próprio *site* da câmara municipal. Nesta afirma : “Foi o Senhor Jesus quem me deu forças e ânimo para chegar à eleição”. E no seu *blog*: “Um homem temente a Deus por uma Juiz de Fora melhor”.

Ambos candidatos exaltam a necessidade assistencial de “ajuda ao povo” assim como relatado por Machado<sup>21</sup>. Seria essa uma das premissas da vocação religiosa que é conjugada como questão política. É também uma das formas de legitimação dos evangélicos para demonstrarem a necessidade dessa participação. Tanto MA como FC expressam seus objetivos como ponderados pela pauta assistencial – uma analogia à forma cristã da caridade – e com esse argumento tem uma chance maior de convencimento dos evangélicos com os quais convivem grupalmente.

### **3.2. PSDB: técnica e progresso**

O PSDB localiza-se em um prédio no centro da cidade e diferentemente do PMDB não é uma residência adaptada, é antes uma grande sala comercial que serve como sede do partido na cidade. Não é própria, é cedida e apresenta uma personalidade de partido muito mais forte que o PMDB. A sala é pintada com as cores do partido, a cortina, as cadeiras, tudo simboliza o significado daquele lugar. A estrutura física infere um ar de formalidade em oposição à informalidade do PMDB, formalidade essa um pouco superficial se observados o teor das reuniões. Suas reuniões são bem mais constantes que no PMDB, onde é possível observar um quantitativo semelhante em termos de participação nas reuniões. Nestas não há o seguimento de uma pauta esquematizada *a priori* como no outro partido, é dada uma temática geral a princípio, e logo após iniciam-se as discussões.

O grande exemplo do partido é o governo de São Paulo. Uma cidade governada por um político do PSDB que serve como parâmetro para exemplificar o progresso que tem ocorrido naquele lugar. Sua oposição radical ao PT (Partido dos Trabalhadores) se dá por meio de suaves e declaradas ofensas tentando demonstrar a ineficácia desse partido. Sua força local e sua representação maior estão na prefeitura municipal: o prefeito eleito na última eleição é do PSDB, e há

---

<sup>21</sup>MACHADO, Maria das Dores C. *Política e Religião – Participação política dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 158.

também um vereador – que porventura é o filho do prefeito – e um outro vereador que é do PRB (Partido Republicano Brasileiro), porém fez coligação com o PSDB.

O tom de descontração também é comum, sendo o partido um lugar que concentra algo além de debates políticos – assim como no PMDB – sendo muito comum alguma forma de confraternização antes das reuniões como um pequeno lanche antes de se iniciar as seções que levam cerca de duas horas seguindo uma estrutura análoga ao outro partido.

Predominam homens, mulheres são poucas, e diferentemente do PMDB não há um apego forte ao tradicional, parece que há um vínculo muito maior com o que eles chamam de “progresso”, crescimento. O exemplo da técnica paulista é retomado como uma necessidade para o partido estar na vanguarda, o desenvolvimento da sociedade será dado por meio de eficiência administrativa, e “não debates que não chegam a lugar nenhum” – como falam do PT.

É constantemente valorizada a necessidade das reuniões como um meio de descontração entre os membros, a importância daquele momento não é somente discutir política, mas também conversar, rir e contar momentos. A secretária do partido, chamada EL, ao ser entrevistada afirmou que as pessoas que freqüentam o partido são motivadas por várias questões. Uns por pura barganha de cargos, outros por descontração, outros porque querem se candidatar e assim por diante. Apesar do grande contingente de filiados, poucos vem à reunião, ainda mais não sendo um momento de eleição. Diferentemente do PMDB, não solicitaram que eu me apresentasse, mas muitos me olhavam como uma novidade. Como um possível estranho comecei a freqüentar as reuniões e a me integrar no local. Muitos perguntavam se eu era filiado e ao responder que não, pediam constantemente para que me filiasse.

Como o prefeito era do PSDB, seria correto inferir que na máquina pública encontram-se diversos membros do partido – e esse é um dos motivos pelo qual muitos estão ali. Por esse motivo é comum que diversos secretários e outros funcionários vão palestrar no partido sobre o que estão fazendo na necessidade de dar alguma satisfação aos filiados. Ocorre que muitos reclamam declaradamente, até mesmo na reunião, de não terem conseguido nenhum cargo público, mesmo tendo apoiado com ímpeto o partido e seus candidatos nas eleições.

Levando a atenção para a participação de evangélicos no partido, o mesmo acontece, *mutatis mutandis*, como no PMDB. Muitos utilizam o partido

instrumentalmente e nas épocas de eleição, outros – poucos – vão com expressividade nas reuniões, entre eles ML e PM.

ML freqüenta atualmente a igreja maranata, passando há apenas alguns anos a se declarar formalmente como evangélico, freqüentou anteriormente a IURD, tem 42 anos e trabalha na prefeitura. Já foi candidato a vereador anteriormente e exerceu a função de presidente de bairro em uma comunidade pobre da cidade. Disse que ficou decepcionado por não ter conseguido se eleger para vereador e por isso não se candidatou mais:

Muitos que disseram que iriam votar em mim, não votaram. Eu fui um bom presidente de bairro em Santa Rita, ajudei muitas pessoas, mas que na hora que precisei não me ajudaram.

Dentre os evangélicos que encontrei nos dois partidos, ele foi quem mais se pronunciou em todas as reuniões, ou melhor, foi o único. Cobra ações do partido, fala da cobrança que é feita pelos conhecidos em cima dele, afirma sua fidelidade à legenda e em uma máxima dita em uma reunião declarou: “estou com o partido a qualquer custo”. A forma de participação que ML constrói no partido, uma parte dela romântica, pode ser dada como uma das mais efetivas encontradas no período da observação. Ao falar pede atenção a alguns bairros, mostra o que tem feito pelo partido, e exige de forma consistente alguma solução. Sua caracterização como evangélico parece a um primeiro momento não influenciar em nada sua participação política. Mas se atentarmos com mais profundidade a relação que se estabelece entre esses planos, veremos que algo maior está em jogo. Por mais que possa haver alguma forma simbólica de separação entre a religião e o partido, o indivíduo não deixa de ser crente no partido, e nem de ser do partido quando está na igreja. Os significados dessa dualidade permitem que haja formas singulares de pertencimento. ML exprime sua satisfação de participar da vida política e religiosa como algo natural:

Eu sou evangélico, acredito em Deus e vou à igreja. Acho que a política é também importante, com ela podemos ajudar as pessoas e participar das decisões sobre a cidade. Eu venho ao partido porque sou filiado e acho que as pessoas filiadas deveriam participar mais, assim o partido poderia ter cada vez mais representantes. Na igreja a gente não costuma falar de política, alguns não gostam, e sabem que eu sou do partido, mas ninguém me olha mal.

Parece que essa separação tão anunciada<sup>22</sup> entre religião e política pode estar tomando novas formas. Assim como ML não demonstra nenhum problema por pertencer ao partido e à igreja, pode-se observar que para ele essas duas esferas podem conviver harmoniosamente. Mesmo que exista um ponto limite entre as duas, onde alguma forma de conflituosa fricção substancialize um afastamento entre os dois planos justapostos, ainda assim, nas práticas mencionadas, pode-se observar novos arranjos que nos fazem repensar essa relação.

PM, outro evangélico que frequenta o PSDB, não com tanta assiduidade, mas com expressiva frequência, é um pastor da igreja Assembléia de Deus de um bairro pobre da cidade e trabalha em uma loja de materiais de construção. Em todas as reuniões presenciadas, em nenhuma ele se pronunciou, somente observava conversando apenas com outros membros do partido. Ao tentar um diálogo com ele, o mesmo mostrou-se um pouco desconfiado do que eu estivera anotando, mas sentou-se ao meu lado e disse que estava “à disposição”. Disse que está no partido porque quer poder ajudar a cidade de um jeito cristão. Para ele a cidade precisa de pessoas na política que tenham valores que foram perdidos há muito tempo, e os evangélicos podem sim fazer esse papel. Apesar dele ainda não ter se candidatado em nenhuma eleição, ele objetiva ser candidato futuramente. Sua posição na hierarquia religiosa como pastor, assim como MA do PSDB, não é garantia de votos dos fiéis. Na Igreja, assim como destacado por Regina Novaes<sup>23</sup>, os vínculos e os interesses políticos podem trazer conseqüências negativas para os sujeitos políticos, o que seria um ponto a ser evitado para qualquer candidato. Desta forma, os laços religiosos devem ser preservados, o que traz uma questão interessante: o crente precisa orquestrar plausivelmente o seu convívio nesses dois espaços, o eclesial e o político, na Igreja e no partido, e ainda legitimar e justificar o pertencimento dual. Não há garantia que evangélicos votem em evangélico e nem de acordo com a orientação do pastor.

A relação entre a igreja e a política exige um certo *savoir faire* que segundo Novaes:

---

<sup>22</sup>HERVIEU-LEGER, Danièle. *La Religion en Mouvement – Le Pèlerin et le converti*. France: Flammarion: 1999. p. 31

<sup>23</sup>NOVAES, *Pentecostalismo, política, mídia e favela: notas sobre a sociedade brasileira*. p. 13-15.

Cada qual a seu modo, os vários tipos de “funcionários religiosos” aprendem que nos templos, nas igrejas e terreiros não se faz política da mesma maneira que se faz no partido ou no sindicato.<sup>24</sup>

Como dito pelos evangélicos dos partidos e também por não evangélicos, no partido não se fala de religião, e na igreja não se discute política. Neste caso discutir política quer dizer debater sobre assuntos eleitorais como se faz no partido, o que não é até certo nível aceitável, o que leva aos evangélicos adotem formas de convívio que possibilitem de certa forma alguma comunicação entre os dois lugares. Uma politização daquilo que entendem como religiosidade permite que a participação política ganhe um significado religioso, invertendo um campo de possibilidades que até tempos atrás fazia dessas participações do “crente” em outros lugares que não na igreja, uma forma de profanação.

Márcia Pereira Leite (2003), ao estudar as lideranças do Movimento Popular de Favelas (MPF), procurou destacar o uso de uma linguagem religiosa e católica na ação das mesmas. Segundo a autora o “pertencimento religioso desses sujeitos marcou suas percepções de cidadania, justiça e violência e imprime um sentido específico a suas atuações na esfera pública”.<sup>25</sup> O uso de linguagens e símbolos religiosos no espaço público permitiu que a ação política ganhasse novos significados. A experiência religiosa tendia a se renovar na medida que era resgatada e integrada uma dimensão emocional de construção de utopia.

### **3.3. Um afastamento próximo: o reino de Deus e o mundo.**

Neste ponto a ser discutido o que se destaca é a possibilidade da conjugação entre religião e política. E no caso dos evangélicos, e da natureza e características da própria crença, essa relação leva em sua profundidade a questões mais amplas. Ressalte-se que no plano dessa relação o que relativamente está em jogo é como tem sido colocada a relação entre duas categorias da crença protestante, que são sucessivamente a categoria mundo (reino dos homens) – supramente esclarecida – e a categoria reino de Deus (igreja, comunidade de irmãos). Essas categorias são divisões dadas no plano da crença que estabelecem um ordenamento do mundo,

---

<sup>24</sup>Ibidem. p. 13

<sup>25</sup>LEITE, Márcia Pereira. *Novas Relações entre Identidade Religiosa e Participação Política no Rio de Janeiro Hoje: o caso do Movimento Popular de Favelas*. In: BIRMAN, P. (org) *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar editorial, 2003, p. 80.

das ações, por meio de narrativas bíblicas que, em consonância com as interpretações dos agentes, impõem uma interpretação da realidade – sendo então realidade *sui generis*.

O mundo em oposição ao reino de Deus delimita espaços da vida social, os quais o crente deve manter alguma forma de distanciamento, não necessariamente espacial, mas simbólico. Estar em certos lugares tende a ser proibido resultando muitas vezes em formas de punição – variando em intensidade nas diferentes denominações evangélicas – fazendo com que o sujeito religioso tenha de alguma forma uma obrigação simbólica se quiser permanecer na igreja e ser aceito pelo grupo religioso. A participação política, portanto, seria assim como outras associações, uma parte integrante da categoria mundo, que insere de um modo ou de outro um tabu, separando o sagrado do profano. Mas sublinhando, o “estar” espacialmente não define em si alguma negatividade. O “estar” precisa ser acompanhado de algo a mais que aos olhos públicos ou na obrigação individual e simbólica definem os limites da participação.

A interpretação da participação política como harmoniosa em relação à religião propõe que identifiquemos os novos arranjos da relação do crente com o mundo. Os assuntos tratados nos partidos não se devem a nenhuma questão religiosa, e sabe-se que neste lugar não se fala de religião. Os evangélicos tornam plausíveis suas presenças afirmando não existir nenhum problema ao conjugar sua dualidade de pertencimento na comunidade de irmão e na comunidade de membros do partido. Motivados por vontades eletivas e de barganha por cargos – como os outros membros - ou por simples prazer de estar ali, o que antes poderia ser interpretado como “terreno do inimigo”, hoje simboliza um *locus* que pode ser positivado pela presença do crente, que ao levar consigo suas disposições religiosas – “e boas para o mundo” – faz com que os diversos espaços que são caracterizados pela dimensão do “mundo” e pertencentes a ele, escapem dessa condição ao mesmo tempo em que estão nela. Esse paradoxo serve para tentar explicar o que parece contraditório compreender, mas que no plano dos significados permite uma interpretação mais consistente.

O mundo passa a ser então um lugar de continuidade com o reino de Deus, entretanto mantendo sua oposição necessária. A partir da participação partidária de alguns evangélicos pode-se observar uma forma de encaixe possível entre essas duas categorias do plano da crença, propondo uma mudança na forma de relacioná-

las. O reino de Deus e o reino dos homens estariam como sempre estiveram em comunicação. O que se transforma são os mecanismos pelos quais essa comunicação ocorre juntamente com suas formas postas em jogo.

Na possibilidade de compreender a relação dos evangélicos com o mundo através da participação política, nota-se a necessidade de perceber como a religião tem sido construída no espaço público<sup>26</sup>. Os evangélicos ao se colocarem em posições que tradicionalmente seriam dissonantes com a crença, precisam através de um processo contínuo e que infere uma abertura possível da religião, construir sentidos que legitimem novas relações entre o mundo e a comunidade de irmãos. São arranjos que no plano da cultura definem formas de organização simbólica entre os indivíduos, os grupos e os cosmos.

Na dualidade posta e descrita entre igreja e partido, a noção de projeto é deveras importante. Na trama da participação política assim como na vida social ele pressupõe uma orquestração social para que os objetivos estabelecidos consigam êxito. Para Gilberto Velho<sup>27</sup> há todo um contexto que é condição essencial para a existência plausível de um projeto. Antes de tudo, mesmo pertencentes ao plano do indivíduo, o projeto é público, e precisa ser constantemente refeito, lapidado, e principalmente aceito coletivamente, caso contrário ficaria estigmatizado. Em suas palavras:

“O projeto para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, é potencialmente público. Sua matéria prima é cultural e, em alguma medida, tem de ‘fazer sentido’, num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado”.(p. 27).

Torna-se preciso reconhecer o grau de abertura ou fechamento de uma rede social que circunscreve os sujeitos, observando os padrões de normalidade que legitimam as condutas e ações individuais. Os evangélicos precisam negociar tacitamente suas emoções, seus desejos diante de um campo de possibilidades limitado, circunscrito historicamente e culturalmente, e sua eficácia é relativa, e por mais que seja planejado racionalmente, precisa ser constantemente refeito. Para sua consolidação, expectativas mínimas têm que ser cumpridas. Os evangélicos

<sup>26</sup>PIAULT, Marc Hernri. *A questão do Sentido: por um caminho incerto entre crer e saber*. In: BIRMAN, P. (org) *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar editorial, 2003, P. 368.

<sup>27</sup>VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge zahar Editora, 1997. p. 26-29.



precisam então conviver com o ambiente político e religioso e consolidar os projetos individuais – se é que se pode chamar de individuais – nesses dois planos de forma legítima. Isso significaria dizer que é possível contemporaneamente participar ativamente de duas esferas que até pouco tempo atrás eram dadas como substantivamente opostas. Mas a oposição atualmente não deve ser mais encarada como antes, e neste caso refere-se a oposição não como negação recíproca, mas como forma de definir identidades.

O risco que correm os evangélicos dos partidos é, na intenção de se elegerem, não serem aceitos pela comunidade de irmãos. Para que isso não ocorra é preciso saber lidar com a igreja de modo que seja possível manter sua posição política enquanto candidato e status religioso. Pode-se observar esse fato principalmente com aqueles que mantinham uma posição forte na hierarquia religiosa como pastores. Publicamente, suas vontades políticas estavam sujeitas a avaliações dos membros da igreja, que deveriam aceitar o fato caso os candidatos quisessem simbolicamente continuar “bem” com os outros fiéis. Um ex-militante do PT, evangélico da igreja batista disse que saiu do partido por vontade própria. Chegou a exercer cargos de responsabilidade, mas que ao passar a se dedicar mais aos assuntos da igreja, passou a ter menos interesses pelas coisas do partido. Aos poucos afirmou que foi se desinteressando pela política até sair de vez do partido. Na igreja, falava que as pessoas sabiam que ele era filiado, mas que não havia nenhum problema. Tacitamente ele não podia falar de política lá, e muito menos demonstrar que deixava de ir para a igreja para ir para as reuniões do partido, ou seja, havia um ponto em que esse convívio mútuo gerava alguma forma de divergência. Em outras palavras: não havia problema ser do partido até o momento em que atrapalhasse com os deveres de um membro da igreja. A questão está onde o indivíduo localiza mais seus interesses: no partido ou na instituição religiosa. Para o objetivo desse estudo, almeja-se observar a situação religiosa, bem como seus arranjos centrais quando relacionados com o contexto da política secular.

Hervieu-Leger propôs dois tipos ideais de sujeitos religiosos, ou dois modelos de sociabilidade: o peregrino e o praticante<sup>28</sup>. São dois termos opostos definidos por características opostas. O peregrino, que no plano das práticas teria alguma forma de autonomia, excepcionalidade e individualidade são frutos da relação da religião

---

<sup>28</sup>HERVIEU-LEGER, Danièle. *La Religion en Mouvement – Le Pèlerin et le converti*. France: Flammarion: 1999 P. 109

com a modernidade. O praticante, que é definido por uma prática com certa obrigatoriedade, fixidez, coletividade e estabilidade, sendo controlado institucionalmente. No meio desses dois tipos encontra-se o tipo do convertido<sup>29</sup>. Fruto de adesão voluntária, localizado em uma sociedade onde a religião tornou-se assunto privado e matéria de opinião, a conversão impõe antes de tudo a dimensão de uma escolha individual, dentro da qual se exprime uma forma de autonomia.

Os evangélicos que participam dos partidos poderiam ser definidos dentro de alguns desses tipos que no fundo se entrelaçam. Os que apresentam alguma posição importante na igreja certamente não se assemelham à figura do peregrino. Colocá-lo na figura do praticante poderia ser perigoso na medida em que faz com que tenha como característica uma certa fixidez de obediência institucional. No plano das práticas, a característica do convertido é maleável a se conformar em peregrino e praticante. Importa, porém, que peregrinos e praticantes mesmo que de formas distintas cultivam suas religiões e religiosidades. Os evangélicos, ao criarem situações de acomodação de suas práticas que se comunicam tanto com a religião como com o partido, estão colocando dois pilares categóricos da religião protestante em novas significações; o mundo e o reino de Deus. Eles não deixam de ser “crentes” mesmo quando em lugares aparentemente contraditórios para um sujeito desta religião. Simplesmente reconstróem questões profundas da crença, reorientando-as ao mundo secular, *locus* onde toda religião tenta se localizar e condição para sua expressão.

### **Considerações finais**

Ao almejarmos compreender o que significa para os evangélicos suas aventuras no campo da política, deve-se antes de tudo ter em mente que os sujeitos são capazes de criatividade, construções e reconstruções, que em muitas das vezes escapam da lógica usual e normativa da própria crença. Mas, em vez de afirmarmos que a religião está perdendo sentido, ou que é usada única e somente instrumentalmente, é preciso alicerçar as hipóteses em dados mais concretos. Esse estudo teve como princípio demonstrar como que no cotidiano essa relação tem sido

---

<sup>29</sup> Ibidem. P. 121

intensificada e vivenciada na propensão de estabelecer algum diálogo com a literatura corrente e talvez ajudando a enriquecer o campo de compreensão.

Buscou-se também, trazer a discussão para o campo religioso de forma que as características da religião e suas categorias mais significativas fossem esclarecidas e descritas nas suas manifestações. Destaca-se aqui sua posição em face da política secular, pois ao estudar os evangélicos neste contexto, objetivou-se tentar elucidar alguns significados para o papel da religião, tratando-a de um modo em que continuava altamente relevante para determinar as ações. Tentando transpor ao máximo algum juízo de valor, mas ao mesmo tempo tentando criar laços sociais com os sujeitos, o papel do observador é sempre central. Assim como um nativo olha para Malinowski quando este intenta tirar uma fotografia do grupo local, a antropologia quando feita na cidade também é um jogo de observações, em que as funções e a vez de quem observa e de quem é observado estão no ar e divididas entre os dois. Um percebendo o outro, e a intenção de se fazer ciência é posta em um outro plano de discussão.

A virtude de um trabalho de campo urbano seria principalmente a arte de saber lidar com a alteridade, que em muitos traços se assemelha ao observador, exigindo deste um grande esforço heurístico, fruto de uma constante aprendizagem substanciada ao longo do trabalho.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ANTONIAZZI, A (org). *Nem Anjos Nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BERGER. Peter. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985.

BIRMAN, Patrícia(Org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BURITY, Joanildo A. *Religião, política e cultura*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2, pp. 83-113.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. *A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000*. IN: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2006, p.35-48.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo*. O pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. *A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil*. Rio de Janeiro: *Religião e Sociedade*, vol.28 nº.2, 2008.

HERVIEU-LEGER, Danièle. *La Religion en Mouvement – Le Pèlerin et le converti*. France: Flammarion: 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE - *Dados do Censo de 2000*.

LUTERO, Martinho. *Sobre a Autoridade Secular*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MACHADO, Maria das Dores C. *Política e Religião – Participação política dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MACHADO, Maria das Dores C. *Carismáticos e Pentecostais – Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. São Paulo, 1996.

MACHADO, Maria das Dores C. *Carismáticos e Pentecostais – Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. São Paulo, 1996.

MAFRA, Clara. *Jesus Cristo Senhor e Salvador da Cidade – Imaginário Crente e Utopia Política*. Rio de Janeiro: DADOS – Revista de Ciências Sociais. Vol.49, nº03, 2006, pp. 583 a 613.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

NOVAES, Regina Reyes. *Os Escolhidos de Deus – Pentecostais, trabalhadores e Cidadania*. Rio de Janeiro: ISER, 1985.

NOVAES, Regina. *Pentecostalismo, política, mídia e favela: notas sobre a sociedade brasileira*. S/d

ORO, Pedro, CORTEN, André, DONZON, Jean-Pierre (Org.). *Igreja Universal do reino de Deus – Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2005.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1997